

## A base hermenêutica do humanismo de Jorge Mario Bergoglio

Vilmar Dal Bó<sup>1</sup>

**Resumo:** O papa Francisco tem insistido, em seu pontificado, coerente com seu testemunho de vida, na prática de um modelo eclesiológico que lança a Igreja para fora de si mesma e supera a lógica de uma Igreja autorreferenciada. A circularidade trinitária e o modelo do poliedro convergente são os paradigmas por excelência de Jorge Mario Bergoglio. Em Bergoglio, a Igreja sai ao encontro da vida planetária, coloca-se em diálogo com as ciências e as diversidades culturais e adota uma postura de misericordiosa e de cuidado. No humanismo de Bergoglio, está o encontro com o rosto do outro, relevando-se o imperativo de uma ética social que tem carne e rosto. Trata-se, nesse sentido, de uma proposta de desenvolver uma comunhão nas diferenças capaz de ultrapassar a superfície conflitual e conceber o outro na sua dignidade mais profunda. Na base hermenêutica de Bergoglio, está a filosofia da polaridade (própria da experiência inaciana), a teologia *del pueblo* (predominante na Argentina, na década de 70) e a teoria da oposição polar (objeto de estudo da tese de doutorado de Bergoglio não concluída). Com ela, emerge um desejo inexaurível de oferecer misericórdia e de uma diversidade reconciliada.

**Palavras-chave:** Papa Francisco. Ética Social. Filosofia da Polaridade. Teologia *del Pueblo*. Teoria da Oposição.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a base hermenêutica do pensamento de Jorge Mario Bergoglio e as linhas mestras de seu pontificado.

Acerca do autor supramencionado, muito vem sendo escrito sobre o papa Francisco e seus posicionamentos desde que foi eleito bispo de Roma, porém, há uma lacuna de estudos em que se pretende identificar a base hermenêutica fundamentadora dos grandes temas de seu pontificado.

A partir disso, Bergoglio insiste que é preciso demolir os muros que dividem países e pessoas e construir pontes que permitam diminuir as desigualdades. Denunciando, assim, a “cultura da indiferença” e a “cultura do descartê”, o Papa acena para a “cultura do encontro” e a “cultura da misericórdia”.

Leituras reducionistas e um tanto quanto precipitadas dos gestos e linguagem de Bergoglio fazem com que alguns extremistas – dentro e fora da Igreja – tenham acusado o Papa de “marxista”, algo que, com elegância, o próprio papa afirmou não ficar ofendido quando lhe chamam de marxista (CUNHA, 2014, p. 290).

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências Econômicas e Política (Universidade Sophia, Figline, Itália), Mestre em Estudos Políticos e Teologia (Universidade Sophia, Figline, Itália, 2014), Graduado em Teologia (FACASC, 2011), Engenheiro de Produção (UNISUL, 2005). Professor na Faculdade Católica Santa Catarina, Florianópolis. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Teologia, Sociedade e Comunicação da FACASC.

Ato contínuo, o pensamento humanitário do atual pontífice e seus gestos de solidariedade humana têm lhe dado um prestígio e uma estima que ultrapassa as fronteiras da Igreja Católica. O fato de tamanha notoriedade, a partir de diversos aspectos, está, sobretudo, em destacar a centralidade da misericórdia e de pensar um mundo aberto em que a vida subsiste onde há vínculos de comunhão e fraternidade (FRANCISCO, FT, n. 87, 2020, p.45). Entretanto, sua perspectiva defronta-se com segmentos da sociedade civil que preconizam “os interesses do mercado divinizado, transformados em regra absoluta” (FRANCISCO, EG, n. 56, 2013, p. 43), trazendo notável desconforto. Os ‘nãos’ de Francisco denunciam os lucros de poucos e a especulação financeira que parece não conhecer limites: não a uma economia da exclusão, não à idolatria do dinheiro, não a um dinheiro que governa em vez de servir, não à desigualdade social que gera violência (FRANCISCO, EG, n. 53-60, 2013, pp. 41-450).

Nesse prisma, a insistência na misericórdia, “fio condutor da ética social de Bergoglio” (SCANNONE, 2018, p.3), está em continuidade com a prioridade da dignidade humana e uma Igreja aberta aos problemas reais da humanidade, em diálogo com o mundo atual, com as outras Igrejas cristãs e diferentes religiões. Quando acusado de “vulgarizar”, “baratear” ou colocar em risco a doutrina católica, Francisco recorda que é um continuador do Concílio Vaticano II e dos papas que o antecederam: “Eu continuo no caminho de quem me precedeu, eu sigo o Concílio” (FALASCA, 2016).

Bergoglio tem uma visão da Igreja e da sociedade como se fosse um hospital de guerra, e, com isso, a missão de não dar costas ao sofrimento: “é preciso cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis das nossas sociedades desenvolvidas” (FRANCISCO, FT, n. 64, 2020, p.35). Isso consiste no desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade e no empenho à cooperação para resolver a causa estrutural da pobreza e promover o desenvolvimento que permita a todos os povos se tornarem artífices do seu destino (PAULO IV, PP n. 65, 1967).

Em adendo, Bergoglio insere-se a um grupo de pensadores humanistas que defendem o diálogo como forma de encontro e o valor supremo da pessoa humana em todas as fases de sua existência. No diálogo com o Estado e a sociedade, a Igreja não tem soluções para todas as questões específicas, mas, juntamente com as várias forças sociais, acompanha as propostas que melhor correspondem à dignidade da pessoa humana e ao bem comum (FRANCISCO, EG, n. 240, 2013, p;137). Afirma: “Supõe a convicção de que o ser humano é sempre sagrado e inviolável, em qualquer situação e em cada etapa do seu desenvolvimento. É fim em si mesmo, e nunca um meio para resolver outras dificuldades” (FRANCISCO, EG, n. 213, 2013, P.126).

Bergoglio desenvolve seu pensamento dentro da escola personalista e revela elementos de um autêntico humanismo cristão, diferencia a evangélica opção pelos mais vulneráveis, e a luta contra a deterioração da qualidade de vida humana e degradação social, de qualquer tentativa de utilizar os pobres e a pauta da sustentabilidade ao serviço de interesses pessoais, ou políticos. Afirma Bergoglio: “Assim acrescenta-se uma nova injustiça sob o disfarce do cuidado do meio ambiente (FRANCISCO, LS, n.170, 2015, p.102). Ao refletir a fraqueza das

reações políticas internacionais, donde predomina uma especulação e uma busca de receitas financeiras que tendem a ignorar todo o contexto e os efeitos sobre a dignidade humana e sobre o meio ambiente (FRANCISCO, LS, n. 56, 2015, p. 38). Assim se manifesta como estão intimamente ligadas a degradação ambiental e a degradação humana ética (FRANCISCO, LS, n. 56, 2015, p. 38).

Logo, o paradigma epistemológico de Bergoglio revela-nos três momentos de análise conjuntural: *reconhecer, compreender, curar* (OTTAVIANI, 2017, pp. 17-18). Por conseguinte, momentos decorrentes do conteúdo de sua ética social: “ninguém pode experimentar o valor de viver sem rostos concretos a quem amar” (FRANCISCO, FT, n. 87, 2020, p. 45).

O humanismo de Jorge Mario Bergoglio não desenvolve uma teoria feita de ideias abstratas, tampouco se limita à funcionalidade de uma moral ético-social conceitual. Contudo, revela-nos uma característica essencial do ser humano, frequentemente esquecida: “fomos criados para plenitude, que só se alcança no amor” (FRANCISCO, FT, n. 68, 2020, P.36).

Em Bergoglio, a fé, alicerçada numa perspectiva humanística, deve manter vivo um senso crítico perante as realidades contemporâneas que podem desencadear processos de desumanização, que, quando consolidados, tornam-se difíceis de retroceder.

Dadas as motivações para um novo sentido social da existência, o presente artigo apresentará a base hermenêutica do pensamento de Bergoglio: a filosofia da polaridade (própria da experiência inaciana), a teologia *del pueblo* (predominante na Argentina na década de 70) e a teoria da oposição polar (objeto de estudo da tese de doutorado de Bergoglio não concluída). Em adendo, ao artigo alia-se o desejo inexaurível de oferecer misericórdia e de uma diversidade reconciliada em dimensão fraterna.

## 1 FRANCISCO DE ROMA

A vida de Bergoglio é uma história de entrega e serviço à Igreja, à Companhia de Jesus e ao povo que lhe foi confiado. Sacerdote de Jesuíta, recém-formado, foi nomeado mestre de noviços e, posteriormente, superior da Companhia de Jesus na Argentina, cargo que desempenhou de 1973 a 1979. Nesta época, a situação política na Argentina fora marcada pelas dificuldades de uma ditadura militar.

Ao concluir o mandato provincial, Bergoglio assumiu a reitoria do Colégio Máximo e das Faculdades de Filosofia e Teologia de San Miguel, uma atividade que demonstra apreço e preparo para a vida intelectual e acadêmica. Em 1986, esteve na Alemanha para recolher material e escrever uma tese de doutorado sobre Romano Guardini, esta inconclusa. Retornando à Argentina, Bergoglio fixou-se em Buenos Aires e passou lecionar Teologia Pastoral em San Miguel.

*A posteriori*, no ano de 1990, Jorge Mario Bergoglio foi destinado à cidade de Córdoba. O Papa João Paulo II, em 1998, nomeou-o bispo auxiliar de Buenos Aires. Com a simpatia do

clero e o apoio do cardeal Antonio Quarracino, Bergoglio foi feito arcebispo coadjutor, com direito à sucessão. Em 2002, enquanto na condição de cardeal, recusou o cargo de Presidente da Conferência Episcopal Argentina, pois, de fato, Bergoglio nunca foi um prelado carreirista, sua ascensão ao serviço da Igreja sempre foi construída em necessidade ao serviço. Um dos fatos marcantes de seu ministério – ora quando um jovem padre, ora como cardeal – foi as suas “andanças” pelas favelas de Buenos Aires.

A partir das veredas urbanas, elenca-se a Vila 1-11-14 do bairro Bajo Flores como uma das tantas favelas que o arcebispo primado de Buenos Aires costumava percorrer, escreve Piqué (2014): “É um espaço onde há drogas, violência, queixas, misérias e também esperanças. Filas eternas de pessoas esperando comidas, roupas, assistência social e ajudas para tirar documentos de todos os tipos” (PIQUÉ, 2014, p. 136). As pessoas que habitavam nas periferias tinham um grande carinho pelo cardeal Bergoglio. Ele era reconhecido como aquele que é “mais um entre todos nós” (PIQUÉ, 2014, p. 137).

Assim, o cardeal dedicava às favelas uma atenção afetiva e efetiva. Segundo Elisabetta Piqué (2014), Bergoglio estava convencido de que nas favelas está escondido um tesouro do qual a Igreja inteira é beneficiada: “a fé profunda e a religiosidade simples das pessoas de lá” (PIQUÉ, 2014, p. 138).

Segundo relatos, era comum Bergoglio priorizar uma festa padroeira na Villa 21 a uma missa comemorativa na catedral portenha. Visitava as favelas com frequência, muitas vezes chegava nelas sem avisar aos seus moradores. Visitava as famílias, adentrava as casas, comia com elas, tomava chimarrão. Foi um bispo, agora papa, que pisou nas favelas, “não falava por ouvir dizer, mas conhece a dor, conhece as lutas, conhece a alegria” (PIQUÉ, 2014, p. 138).

A eleição Bergoglio como papa no ano de 2012, não suscitou apenas “um papa quase bem perto do fim do mundo” - expressão utilizada por Bergoglio no dia de sua eleição - mas o exemplo de um homem que costumava caminhar entre todos, sem medo e sem vergonha. Relata Elisabetta Piqué; “Com ele éramos todos iguais” (PIQUÉ, 2014, p. 139).

Este conjunto de gestos, linguagens e sinais não poderia ser diferente. Ao ser eleito papa Bergoglio tomou para si o nome de Francisco, o fundador da Ordem dos Franciscanos. Para Boff (2014), Francisco não é um nome. É um projeto de Igreja, pobre, simples, evangélica e destituída de todo aparato. Uma Igreja pobre para os pobres! “Também ecológica que chama a todos os seres com a doce palavra de irmãos e de irmãs” (BOFF, 2018, p. 51).

Em consonância com a compreensão de Boff, Ottaviani (2017) recorda que Paulo VI (1897-1979) teria dito que o nome do fundador da Ordem dos Franciscanos dificilmente seria atribuído a um pontífice por causa da incongruência dos protocolos pontifícios e da riqueza cultural e arquitetônica que orbitam um sumo pontífice. Porém, Bergoglio quebra este paradigma e deixa-se interpelar pela longa tradição dos profetas da caridade, que se preocupam com a justiça social, fazem-se próximos dos fracos e excluídos e levam uma vida despojada.

Assim será o pontificado do papa latino: uma Igreja em saída, que anda pelas periferias, que lança a Igreja para fora de si e em direção do mundo e dos outros, particularmente dos mais fragilizados, que entra na vida das pessoas, encurta as distâncias, abaixa-se “e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo” (FRANCISCO, EG, n. 24, 2013, p.23). Bergoglio oferece para Igreja aquilo o que era próprio de sua práxis: ir ao encontro, procurar os afastados, chegar às encruzilhadas dos caminhos, andar pelas favelas, entrar nas casas, comer com as famílias, ouvir suas lamentações, celebrar com elas suas alegrias e oferecer misericórdia. Portanto, um modelo eclesiológico que transcende a postura de um líder religioso sagrado para acompanhar a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam (FRANCISCO, EG, n. 24, 2013, p. 23).

Em Bergoglio, a Igreja em saída não é apenas um *slogan* do pontificado, mas a base pragmática, uma convicção que nos revela um forte humanismo: “O Cristo feito carne se faz presente na carne do outro (FRANCISCO, EG, n. 88, 2013, p.59).

## 2 O HUMANISMO DE BERGOGLIO

O humanismo de Bergoglio enquadra-se epistemologicamente na filosofia do cuidado, ou seja, na corrente de pensamento que tem como objetivo refletir o fundamento da vida social em perspectiva da cultura do cuidado. Nenhum povo, nenhuma cultura, e/ou nenhum indivíduo pode obter tudo em si. Para Bergoglio, sempre é possível desenvolver uma nova capacidade de sair de si rumo ao outro. Sem essa capacidade, não se dá às outras criaturas o seu valor, não se sente interesse em cuidar de algo para os outros. Os outros são, constitutivamente, necessários para a construção de uma vida plena.

Contudo, o sentido da vida e da convivência social subsiste onde há vínculos de responsabilidade capazes de manifestar a opção fundamental de “superar as inimizades e a cuidar uns dos outros” (FRANCISCO, FT, n. 57, 2020, p. 32).

Para tanto, o humanismo de Jorge Mario Bergoglio revela verdadeiros horizontes éticos de referência: uma proposta que se verifica em toda a existência projetada na realização da fraternidade humana. O autor fala em “revolução da ternura” (FRANCISCO, EG, n. 88, 2013, p.59), expressão utilizada para justificar a fé no Filho de Deus feito carne inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Assim podemos falar em uma “fraternidade universal” (FRANCISCO, LS, n. 228, 2015, p. 131), o desenvolvimento de uma verdadeira cultura do cuidado, inclusive aquela do meio ambiente.

No humanismo de Bergoglio, está a proposta do acolhimento público. Ela diz respeito ao âmbito da solidariedade e da preocupação pelos mais vulneráveis, sem descuidar-se do empenho para construção de uma sociedade mais justa, na defesa da vida e do meio ambiente, e na consolidação dos direitos humanos e civis. Um estilo de vida que implica capacidade de viver juntos e de comunhão.

A proposta de um humanismo que floresce um desenvolvimento sustentável e equitativo eliminando as formas de espoliação da natureza e das relações humanas é a chave de leitura da ética-social de Jorge Mario Bergoglio. Para melhor elucidarmos os valores sólidos de seu pensamento, faz-se necessário tangenciarmos o processo histórico, o contexto cultural e o estatuto epistemológico que gestam o humanismo de Bergoglio. Leia-se: *a filosofia da polaridade, a teologia del Pueblo e a teoria da oposição*.

## 2.1 A FILOSOFIA DA POLARIDADE

Segundo o filósofo e teólogo argentino Juan Carlos Scannonne (2018), professor de Jorge Mário Bergoglio, a filosofia da polaridade faz parte do discernimento inaciano. Ela consiste em refletir sobre Deus e seu desígnios concretos para a humanidade e para a plenitude humana. Massimo Borghesi (2018) recorda a importância do pensamento dialético na Companhia de Jesus: “A raiz da tensão polar está na própria espiritualidade e teologia de Inácio, um pensamento em movimento que confia na reconciliação” (BORGHESI, 2018, p. 84).

Diferente da dialética hegeliana fundamentada sobre a contradição e o conflito, a dialética bergogliana antinômica consiste na oposição das realidades polares, ou seja, a unidade que não anula o diferente. A forma desse pensamento tem em seu centro uma dialética que encontra o acolhimento e a reconciliação, afirma Borghesi (2018): “diversamente do hegeliano, não termina na síntese da razão, mas na de um princípio superior dado pelo Deus sempre maior” (BORGHESI, 2018, p. 79).

O resultado desta dialética é um esforço para a reconciliação das realidades polares, ou seja, distintas, mas não contraditórias. Em seus escritos, Bergoglio insiste em um empenho para que se faça surgir “uma diversidade reconciliada” (FRANCISCO, EG, n. 230, 2013, p.132), reafirmando, também, uma “reconciliação com a carne dos outros” (FRANCISCO, EG, n. 88, 2013, p.59).

Para o jesuíta Juan Carlo Scannonne (2018), a filosofia da polaridade é o exercício da lógica existencial que reflete a translação da dimensão existencial ao social. Resultado do que reflete Bergoglio ao afirmar: “a realidade é superior à ideia” (FRANCISCO, EG, n. 233, 2013, p.133).

A filosofia da polaridade contribui para que Bergoglio desenvolva um pensamento que acolha as polaridades, as realidades opostas, e que não as submeta para uma síntese de conflitos, mas, sim, de reconciliação, pois na natureza da polaridade não há contradição, o que há é posição e orientação distintas, que precisam ser conduzidas para a vida da comunhão e da unidade, respeitando a singularidade das polaridades.

## 2.2 A TEOLOGIA DEL PUEBLO

A teologia *del Pueblo*, ou a teologia do povo fiel, foi aquela que predominou na Argentina nos anos 70 (setenta) após o Concílio Vaticano II. Contava com teólogos e pensadores como: Lucio Gera, Rafael Tello, Justino O’Farrell, Geraldo Farrell, Fernando Boasso, Juan Carlos Scannone.

Segundo Borghesi (2018), a teologia *del pueblo*, aquela refletida e vivida por Jorge Mario Bergoglio, centrava-se na vida teológica presente na piedade dos povos cristãos, principalmente dos mais pobres. O tema da piedade popular ultrapassa o da espiritualidade e se faz lugar teológico: “A fé cristã do povo é um lugar teológico, lugar hermenêutico de uma fé vivida, ‘aculturada’” (BORGHESI, 2018, p. 72).

Contudo, a categoria *pueblo fiel* se separa claramente tanto das ideologias populistas, quanto do sistema marxista, baseado nas categorias “abstratas’ de burguesia e proletariado” (BORGHESI, 2018, p. 72). Bergoglio convida-nos à luz de uma proposta evangélica “apreciar o pobre na sua bondade própria, com o seu modo de ser, com a sua cultura, com a sua forma de viver a fé (FRANCISCO, EG, n. 199, 2013, p.120).

Ainda, Scannone, no artigo “*Papa Francesco e la teologia del popolo*”, escrito para revista *Civiltà Cattolica*, em 2014, afirma que a teologia do povo é uma marca do episcopado do Papa Francisco, e ela revela sua preocupação com a realidade da fé aculturada e a inserção da Igreja na cultura, na fé, e na caminhada histórica do povo. Prova deste modelo pastoral-ecclesiológico é a insistência em uma Igreja “pobre para os pobres” (FRANCISCO, EG, n. 198, 2013, p.120) em saída. No mesmo sentido, o próprio Bergoglio afirma que toda cultura e todo grupo social necessitam de purificação e amadurecimento e que muitas fragilidades podem ser curadas pelo evangelho e pela piedade popular (FRANCISCO, n.69, 2013, p.49).

A teologia *del pueblo*, como lugar teológico, retira os formalismos, os idealismos, a teoria abstrata que separa a ideia da realidade, rompendo as lógicas fechadas e excludentes. Este modelo teológico foi, certamente, a força que conduzia Bergoglio em suas “andanças” pelas periferias quando cardeal de Buenos Aires, e é, reiteradamente, o convite que faz à Igreja e à sociedade em reconhecer e a “descobrir Jesus no rosto dos outros” (FRANCISCO, EG, n. 91, 2013, p.91). Ensina-nos que Deus se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza. E nós somos chamados a descobrir Cristo neles.

## 2.3 TEORIA DA OPOSIÇÃO POLAR

A teoria da oposição polar revela-nos a influência do pensamento do filósofo e teólogo Romano Guardini sobre Bergoglio. Guardini é citado explicitamente na *encíclica Laudato Si*, número 203, no Capítulo VI, que aborda a *Educação e espiritualidade ecológica*. Mas seria a exortação apostólica, *Evangelii Gaudium*, segundo autores como Massimo Borghesi (2018) e Juan Carlos Scannone (2018), o documento em que estaria contido a maior influência do

pensamento de Guardini, a parte em que trata sobre os critérios sociais. Possivelmente o coraço da tese de doutorado iniciada e não concluída.

Contudo, a teoria da oposição polar clarifica muitos dos sinais e gestos do humanismo de Bergoglio. Os opostos constituem a seiva do concreto vivo, aquilo que torna móvel e dinâmica sua unidade. A polaridade é sempre uma tensão opositiva e não contraditória, portanto, pela oposição, é possível chegar-se a uma síntese de comunhão, unidade, reconciliação. Por sua vez, a contradição, como aquela entre bem e mal, obriga ao contrário, a uma decisão, a uma escolha: o mal não é contrapolo do bem, é sua negação ( BORGHESI, 2018).

A distinção entre oposição e contradição é o fundamento da teoria polar. Bergoglio assume essa teoria para a formação de sua dialética, que não tende como síntese à desintegração o conflito e a violência, mas a integração, a reconciliação e a benevolência. Um processo que requer como fio condutor da experiência moral e da ação humana o princípio de misericórdia. As polaridades elencadas de Romano Guardini (*Plenitude-limite, Ideia-realidade, Globalização-localização*) servirão como base para os princípios que orientam especificamente o “desenvolvimento da convivência social e a construção de um povo onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum” (FRANCISCO, EG, n. 221, 2013, p.129).

### 3 O HUMANISMO DE BERGOGLIO

A proposta do humanismo de Jorge Mario Bergoglio substancia-se em projetar uma sociedade justa, capaz de memória e isonômica. Um humanismo que reflete em ideias e práticas a dimensão do cuidado: em sua mais ampla compreensão. Por isso, a exigência de uma ética do cuidar. Edifica-se, assim, a proposta de “construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos a carregar as cargas uns dos outros” (FRANCISCO, EG, n. 67, 2013, p.48). Comum a este propósito, Bergoglio desenvolve quatro princípios que considera fundamentais para o bem comum e a paz social. Pontua-se:

- *O tempo é superior ao espaço*: esse princípio nos recorda de privilegiar as ações que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos que os desenvolverão até frutificar em acontecimentos históricos importantes. Para Bergoglio, o tempo ordena os espaços. Isso quer dizer que é preciso investir em ações que constroem a plenitude humana em detrimento a ações que produzam resultados imediatos, ganhos fáceis, rápidos e efêmeros. Afirma: “Cuida do trigo e não perda a paz por causa do joio” (FRANCISCO, EG, n. 24, 2013, p.23).
- *A unidade prevalece sobre o conflito*: quando paramos diante do conflito, perdemos o sentido da unidade profunda da realidade. O conflito deve ser aceito, suportado e superado. A unidade nos permite desenvolver uma comunhão nas diferenças capaz de ultrapassar a superfície conflitante e considerar os outros na sua realidade mais profunda. “A unidade harmoniza todas as diversidades” (FRANCISCO, EG, n. 230, 2013, p.132).

- *A realidade é mais importante do que a ideia:* é preciso evitar que a ideia e os formalismos se desassociem da realidade por meio de retóricas ou intelectualismos sem sabedoria. Este critério está ligado à encarnação da Palavra e ao seu cumprimento. Evita as várias formas de ocultar e fugir da realidade. Provoca o sentido do compromisso social e de uma ética comunitária. É o princípio que fomenta o serviço, a caridade, a saída, o encontro e o cuidado. “Este critério impele-nos a por em prática a Palavra, a realizar obras de justiça e caridade” (FRANCISCO, EG, n. 233, 2013, p.134).
- *O todo é superior à parte:* trata-se de afirmar que o Homem não deve viver demasiadamente obcecado por questões limitadas e particulares. É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer sempre um bem maior que trará benefício a todos. “É a totalidade das pessoas em uma sociedade que procura um bem comum que verdadeiramente incorpore a todos” (FRANCISCO, EG, n. 236, 2013, p.135).

O humanismo de Bergoglio reflete quatro tensões polares que convida a razão a alargar as suas perspectivas para os valores fundamentais da existência humana e superar o “individualismo reinante”, que faz com que “já não choramos à vista do drama dos outros nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incube” (FRANCISCO, EG, n. 54, 2013, p.41). Ou seja, emerge como uma proposta de reação à deterioração da qualidade de vida humana e à degradação social.

## CONCLUSÃO

A base hermenêutica do humanismo de Jorge Mario Bergoglio possui um conteúdo transcultural que convida a razão a alargar as suas perspectivas para uma ética do cuidado.

Em linhas gerais, apresenta-se como uma opção fundamental para reconstruir nosso mundo ferido: superar a indiferença social e política e a cultura do descarte.

O humanismo de Bergoglio enquadra-se dentro de uma proposta moral ético-social que consiste em acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis da sociedade. Não por uma prática devocional ou assistencialista, mas uma experiência moral intrínseca ao modo de ser homem: “ninguém deve construir-se de costas para o sofrimento” (FRANCISCO, FT, n. 65, 2020, p. 35).

A experiência moral do cuidado revela-nos um compromisso social. Bergoglio desenvolve este compromisso à luz dos princípios polares, ressaltando a importância do tempo, da unidade, da realidade e do todo. Trata-se de um pacto social e cultural para a busca do desenvolvimento integral de todos. Pacto este que permite aos lentos, fracos e menos dotados poder também singrar na vida.

Contudo, a base hermenêutica do humanismo de Bergoglio é a proposta de uma conversão ecológica que requer uma estupenda comunhão universal, por isso a insistência no cuidado da fragilidade dos pobres e do meio ambiente.

O humanismo de Bergoglio dá forma a um estilo de vida com base em motivações profundas: uma maior profundidade existencial que nos permite experimentar que vale a pena a nossa passagem por este mundo, ou, ainda, simplesmente, “que vale a pena ser bons e honestos” (FRANCISCO, LS, n. 239, 2015, p.131), “sem nos cansarmos jamais de optar pela fraternidade” (FRANCISCO, EG, n. 91, 2013, p.61).

## REFERÊNCIAS

BOFF, L. *Francisco de Assis e Francisco de Roma; uma nova primavera na Igreja*. Ed. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2014.

BORGHESI, M. *Jorge Mario Bergoglio: Uma biografia intelectual*. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

CUNHA, P. F. *Evangelii Gaudium* no contexto da doutrina social da Igreja, In: Humanística e Teologia, ano 35, Porto, Portugal: Universidade Católica Portuguesa, 2014.

FALASCA, S. “Eu não barateio a doutrina. Eu sigo o Concílio.” Entrevista com o papa Francisco. *IHU on-line*, São Leopoldo, 21 nov. 2016. Original italiano, *Avvenire*, 17 nov. 2016.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Ed. São Paulo: Loyola; Paulus, 2013.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. Ed. São Paulo: Loyola; Paulus, 2015.

\_\_\_\_\_. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. Ed. São Paulo: Loyola; Paulus, 2020.

OTTAVIANI, E. Apontamentos sobre o pontificado do papa Francisco, In: *Vida Pastoral*, ano 58, n.316, Ed. São Paulo: Paulus, 2017.

PAULO VI, *Populorum Progressio*: sobre o desenvolvimento dos povos. Ed. São Paulo: Loyola; Paulus, 1967.

PIQUÉ, E. Papa Francisco: vida e revolução. Ed. São Paulo: LeYa, 2014.

SACANNONE, J.C. Papa Francesco e la Teologia del Popolo, In: *La Cività Cattolica*, ano 165, n.3930, Roma, 2014.

\_\_\_\_\_. A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento, In: *Cadernos Teologia Pública*, ano XV, n. 135, v. 15. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2018.